

O Bosque dos Abetos

© 2023 — Sarah Goldman

Tetralogia: O Sândalo e o Jasmim

livro 3

O Bosque dos Abetos

Sarah Goldman

Ditado pelo Espírito

Kabhir

Todos os direitos desta edição reservados a
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira
Marques CEP 13485-150 — Limeira — SP

Fone: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Projeto gráfico: **Sérgio Carvalho**

Ilustração da Capa: **Banco de imagens**

Ilustrações do miolo: **Sarah Goldman**

Revisão: **Gerson Ferracini**

ISBN 978-65-5727-166-7 — 1ª Edição – 2024

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Kabhir (Espírito)

O Bosque dos Abetos / pelo espírito Kabhir ;
psicografado pela médium Sarah Goldman – Li-
meira, SP: **EDITORA DO CONHECIMENTO**, 2024.

364 p. (Coleção Tetralogia: O Sândalo e o Jas-
mim, livro 3.

ISBN: 978-65-5727-166-7

1. Literatura espírita 2. Espiritismo - Mensagens
3. Obra psicografada I. Título II. Godman, Sarah
III. Série

24-0504

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura espírita

Sarah Goldman

**Tetralogia:
O Sândalo e o Jasmim
Livro 3**

O Bosque dos Abetos

Ditado pelo espírito Kabhir

1ª edição – 2024



Sumário

Pirataria espiritual.....	7
1 – A porta estreita	12
2 – Os sãos não precisam de médico.....	21
3 – Pranto e ranger de dentes.....	27
4 – Os trabalhadores da última hora	32
5 – Jamais sozinha	44
6 – Triste evento.....	51
7 – Conluio	55
8 – Seis mulheres	62
9 – A chegada da jovem senhora	69
10 – A covardia.....	75
11 – Alessandro.....	83
12 – A proibição	90
13 – Uma orientação do bem.....	95
14 – O noivo genovês.....	103
15 – A união.....	109
16 – O retorno.....	113
17 – A infâmia	120
18 – O atentado	125
19 – O feiticeiro Tommaso.....	132
20 – Pequenas alegrias	138
21 – O desejado reencontro.....	145
22 – A chantagem	151
23 – Uma afronta ao bem.....	158
24 – A lei do retorno.....	164
25 – A visita da serpente.....	170
26 – Fortalecimento no bem.....	175
27 – Revelações.....	179
28 – O lodaçal	184
29 – Fatalidade	189
30 – A má conselheira.....	194
31 – Nova vida velha.....	198
32 – Obsessão.....	204

33 – Refazendo-se	210
34 – Renascendo na França	214
35 – A desnecessária contenda	219
36 – No mundo espiritual	223
37 – Amorosa disciplina	232
38 – Uma necessária separação	236
39 – A nova família	244
40 – Infância	249
41 – Má decisão	254
42 – A filha de Jairo	260
43 – A senhora Guillon	265
44 – A chegada	271
45 – Adriano	275
46 – O resgate de Stefano nas sombras	281
47 – Geneva	286
48 – Novas elucidações	291
49 – O retorno de Adriano	297
50 – As cartas	301
51 – Evangeline	305
52 – A ovelha perdida	312
53 – Saindo da rota	320
54 – Novos débitos	324
55 – O quinto mandamento	330
56 – Escória	336
57 – O romance	342
58 – A maçã não cai longe da árvore	346
59 – Em 1572	352
60 – Pedi e obtereis	356
Renascimentos dos personagens	361

Pirataria espiritual

Respeitar o sacrifício alheio para produzir uma obra espírita é o mínimo que se espera de todos que almejam alcançar a condição de “bons espíritas”, conforme nos ensina *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no capítulo 17, intitulado “Sede perfeitos”, item **Os bons espíritas**.

O capítulo 26 desta obra básica (“Dai de graça o que de graça recebestes”) nos conduz a uma importante reflexão sobre o tema “mediunidade gratuita”, explicando, de forma muito objetiva, o papel do médium como intérprete dos Espíritos:

... receberam de Deus um dom gratuito – o dom de ser intérpretes dos Espíritos –, a fim de instruir os homens, mostrar-lhes o caminho do bem e conduzi-los à fé, e não para vender-lhes palavras que não lhes pertencem, porque não são produto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seu trabalho pessoal. ...

Contudo, muitos seguidores da Codificação têm um entendimento equivocado a respeito da produção das obras espíritas e/ou espiritualistas, atribuindo a elas o ônus da gratuidade, ao confundir a produção editorial com a mediunidade gratuita, universo material do qual ela não faz parte.

É fundamental separar uma coisa da outra, para que os espíritas não sejam induzidos a erros, cujos efeitos morais e éticos conflitam com os princípios espirituais.

Para que um livro de qualquer gênero literário chegue às mãos dos leitores, é preciso mais que a participação do autor (ou do médium psicógrafo), uma vez que o processo

editorial depende de inúmeros profissionais qualificados em áreas diversas. Sem eles, as ideias e conteúdos não se materializariam em forma de livros.

Portanto, tradutores, revisores, editores, digitadores, diagramadores, ilustradores, capistas, artefinalistas, impressores, distribuidores, vendedores e lojistas fazem parte desse rol de profissionais empenhados na veiculação das obras espíritas/espiritualistas.

Como se pode perceber, para que um conteúdo, uma psicografia, chegue aos leitores, percorre-se um longo caminho que envolve uma equipe diversa, em que muitos dos profissionais não são os médiuns nem voluntários e, portanto, não se inserem na máxima: “Dai de graça o que de graça recebestes”.

Por isso, ao se praticar a pirataria, apropriando-se indevidamente de uma obra, seja através da reprodução de seu conteúdo por arquivo pdf ou digital, visando ao compartilhamento “fraterno” dos ensinamentos da Doutrina Espírita, está-se, na realidade, infringindo a lei da Primeira Revelação: “Não roubarás!”. Sim, porque apropriação indebita de bens que também fazem parte do plano material é um delito, qualquer que seja a suposta boa-intenção.

Este é o alerta que a maioria das editoras, inclusive as espíritas, gostaria de fazer chegar aos leitores e que a **EDITORIA DO CONHECIMENTO** inclui no início desta belíssima obra, fruto de um trabalho editorial que não envolveu voluntários mas sim profissionais remunerados que exigem respeito por suas atividades.

Deixamos aqui registrado nosso repúdio a sites, blogs, fóruns e outras mídias que pirateiam e armazenam obras literárias. Ao fazer uso ilícito desses depósitos de livros roubados, “espíritas e espiritualistas” se distanciam cada vez mais de seus objetivos maiores.

Finalizando, lembramos que “o homem de bem respeita todos os direitos que as leis da natureza atribuem aos seus semelhantes, como gostaria que respeitassem os seus”. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo 17 “Sede perfeitos”, item **O homem de bem**).

Conhecimento Editorial
Seus editores.

Saudações fraternas, caros leitores

Com alegria lhes trazemos este terceiro volume da obra *O Sândalo e o Jasmim*, que dá continuidade ao caminho evolutivo de um grupo de almas irmãs.

No transcurso infinito e dinâmico dos dias e das horas, sob o influxo amoroso de Deus, nossos irmãos vão tecendo suas trajetórias de vida, construindo suas histórias e seus destinos, renovando sentimentos, reeducando tendências e transformando modos de pensar e agir, em contínuo caminho de ascensão.

Toda nova incursão humana na Terra é cuidadosa e amorosamente pensada. Espíritos superiores capacitados a planejamentos de tal complexidade, sob padrões de plena justiça e incomensurável benevolência, avaliam quais serão os traços mais oportunos a serem trabalhados a cada existência. As metas de aprendizado a serem alcançadas são sempre proporcionais a nossa capacidade de enfrentá-las, sendo cuidadosamente ponderadas com vistas a nosso êxito, embora respeitando nosso livre arbítrio, que nos conduz ao aproveitamento ou não das lições.

Acompanharemos aqui as experiências de renascimento e a necessária recomposição de papéis entre os mesmos atores que nos volumes anteriores desta série compareceram. Independente dos novos cenários históricos, porém, os propósitos de nossas novas vivências convergem sempre para os mesmos fins:

- o contínuo trabalho de aperfeiçoamento de nós mesmos, exercitando a expansão da consciência e da capacidade de amar e perdoar, incorporando os ensinamentos do Cristo em nossa estrutura espiritual de modo indelével;
- novas oportunidades de reparação, a transformar laços de desamor em vínculos fraternos de simpatia, ami-

zade e união, ensinando-nos a compreender e sentir que estamos todos unidos por elos indissolúveis, que cada um de nós é parte integrante da grande família universal e que *todos somos irmãos*, como nos esclarece Jesus.

Os desafios e lutas relatados neste livro não diferem dos nossos. Nós também trazemos compromettimentos a serem reparados ante a Lei Divina. Também guardamos distanciamento da sincera vivência do evangelho na lida diária. Também nos iludimos no cultivo de falsos valores que acreditamos nos proporcionar a “verdadeira” paz e felicidade, que acabam por revelar-se efêmeras. Distorções e equívocos encontram frequente acolhida na casa de nossos sentimentos: personalismo e orgulho exacerbados, desejo de exercer poder e controle sobre pessoas, sectarismo que gera conflitos e divide famílias, amigos, nações, grupos religiosos... Também nos equivocamos profundamente na compreensão de Deus e das leis por Ele criadas, achando-nos detentores de privilégios que nos garantirão benesses e nos permitirão passar ao largo da justiça divina, como se a lei de causa e efeito pudesse não nos alcançar.

Mas a *Lei Divina de justiça-amor-caridade* se aplica a todos os seres, embora sempre permeada de suprema misericórdia, sentimento este de que, por vezes, ainda não conseguimos alcançar o justo entendimento nem dimensionar a extensão com que se manifesta em nossa vida.

No entanto, a pedagogia paternal de Deus, não raramente incompreensível para muitos, não contempla a vingança. Não recorre à lei de talião, conceito do “olho por olho, dente por dente”, que remonta ao antiquíssimo Código de Hamurábi e até os dias de hoje se conserva tão vigente entre nós. Ainda confundimos justiça com retaliação, associando punição e castigo onde Deus situa, no transcurso do tempo, um programa amoroso de redenção e evolução de todas as criaturas. São contínuas e incessantes as oportunidades de burilamento espiritual, não só individual, mas ao mesmo tempo coletivo, que nos são ofertadas, em um processo gradual e paciente, mas inexorável, de nosso alinhamento à Lei Divina: a Lei do Amor.

Amor, expressão de Deus, força que a tudo e a todos abrange, que move e transforma!

Agradecemos a Jesus, nosso amado guia, pela oportunidade deste trabalho que nos redime e pedimos a ele que o abençoe. Que as lições morais de quedas e acertos aqui

narradas possam contribuir de algum modo para os que percorrerem as páginas desta obra.

O Amor tudo pode.

Paz e Bem!

Guias espirituais da obra *O Sândalo e o Jasmim*

1 – A porta estreita



Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à destruição, e muitos são os que entram por ela.”^[1]

Bela, pacífica e regeneradora era Ashwattha, a colônia astral em que Chandan e Nalini mais uma vez se encontravam, entre sucessivas vidas.

Contemplando o nascer do dia em um dos inúmeros jardins perfumados que ali se cultivavam, ambos refletiam sobre outro cultivo: o das virtudes que ainda lhes cabia desenvolver em seus próximos reencarnes.

Sempre ativo e radioso, como havia sido na antiga Ásia, Chandan utilizava nesse mundo extrafísico sua forma espiritual de antigo rei. Isso lhe foi concedido por ser detentor de conquistas evolutivas já significativas.

^[1] Mateus, 7:13. *O novo testamento*. Tradução, do grego ao português, de Haroldo Dutra Dias. Federação Espírita Brasileira, 2009.

Ele abraçava Nalini, que também obtivera permissão para se apresentar com sua forma espiritual de Rajkumari, e observava atento as vibrações da companheira.

– Sinto-a um pouco preocupada, Princesa. O que a de-sassossega?

Ela suspirou brevemente e disse:

– Se eu tivesse ouvido com mais atenção os inúmeros alertas de meus amigos espirituais, que seguidamente me aconselhavam a fazer melhores escolhas, tantas dores e tanta tristeza nos teriam sido poupadas.

– Isso pertence ao passado, Nalini. Mas perceba que nas últimas existências aceitamos nos confrontar com questões pessoais inadiáveis, que até então dificultavam nosso progresso e nossa verdadeira liberdade. Os cenários conflituosos que lá se abriram para nós foram todos amorosamente tecidos por espíritos que há muito nos acompanham e desejam nossa evolução.

E, olhando-a ternamente, completou:

– Anseio verdadeiramente renascer a seu lado, Nalini, e, quem sabe, novamente formarmos uma família.

– Seria enorme felicidade, Chandan, mas, como já nos informou Agha, alcançamos até agora bem poucas vitórias sobre nossas emoções mais egoístas, conquistas estas em parte facilitadas pelas próprias épocas em que renasce-mos, quer na Ásia, no norte da África ou na Inglaterra. Tais cenários em que vivemos, bem como as posições que neles ocupamos, acabaram também nos sendo benéficos, ao servirem como freios a nossos impulsos mais daninhos. Ainda assim, ambos cometemos sérios desatinos.

Detendo-se reflexiva por alguns instantes, ela indagou:

– É ilusão pensar que podemos dar saltos repentinos na evolução, não lhe parece? Ainda assim, guardo em meu coração a certeza de que estamos em incessante progresso.

– É o que também sinto em mim, Nalini. Creio que se tivéssemos vivido em épocas de maior permissividade, talvez havéssemos errado bem mais. A necessidade de preservarmos a integridade das posições que ocupávamos nos obrigava ao acerto. Não só ela, mas também o temor à vergonha que decorreria de fracassar nessa incumbência, o que feriria nosso orgulho. Mais uma vez, consigo vislumbrar a amorosa intervenção de nossos protetores espirituais em todos os momentos.

Ainda um pouco aflita, Nalini prosseguiu:

– Pelo que pude compreender em nossa última conversa com Agha e Kabhir, o período em que reencarnaremos, embora bastante rígido em termos religiosos, é complacente com aqueles que detêm fortuna e poder ou que servem a senhores convenientes... Devo lhe confessar, Chandan, que não são poucos os meus receios. Temo novamente fracassar e deixar-me levar pelo orgulho e pela revolta. Sempre que sou contrariada em meus objetivos, ao invés de aproveitar a oportunidade para crescimento acabo por criar mais débitos. Como é difícil evoluir quando estamos encarnados!

Chandan então comentou:

– Pressinto também, Nalini, que nossa próxima prova poderá ser bem mais perigosa que as anteriores, mas perceba que hoje estamos mais fortalecidos em nossa fé e mais dispostos a pôr em prática os preceitos do mestre Jesus, que ficaram tão bem gravados em nossa alma nas últimas existências terrenas.

Chandan emocionava-se cada vez que falava de Jesus. Lembrou-se da época em que encarnara como Jamaludin e vira Jesus carregando o pesado tronco de madeira pelo estreito caminho de terra seca. Lembrou-se de seu olhar inesquecível, que emudecera a ele e a Esahu por horas a fio^[2]. Encheu-se então novamente de ânimo e disse:

– Mestre Jesus não nos abandonará, Nalini. Temos aprendido bastante desde que retornamos ao mundo espiritual. Além disso, estamos auxiliando Agha em colônias em que ainda imperam a dor, a miséria e o fanatismo. Esse é um aprendizado que levaremos conosco e nos servirá quaisquer que sejam os novos desafios, não acha? Os ensinamentos adquiridos antes da reencarnação também ficam para sempre arquivados em nossa consciência. Pô-los em prática dependerá de nosso esforço pessoal.

– Assim espero, Chandan – disse ela. – Você sempre me traz esperanças. Tem sido tão bom trabalhar aqui com você, e também com Agha, Kabhir e minha tão querida Kanti. Aliás, pude saber que ela renascerá em breve, em uma vida com muitos percalços. Infelizmente, não nos encontraremos nessa próxima existência. Mestre Kabhir me disse que Kanti auxiliará no processo evolutivo de um espí-

[2] Episódios relatados no livro 1 desta série: *A flor de lótus* (Parte 2). (Ver quadro de renascimentos dos personagens no final deste volume.)

rito bastante desorientado, ajudando-o em seu despertar.

Ela continuou:

– Aqui nesta colônia, sinto-me tão leve e bem-disposta. Se pudesse, jamais voltaria a renascer, mas sei que é a única possibilidade evolutiva para espíritos rebeldes como nós, sempre fechados em nós mesmos quando encarnados. Somos vítimas de nossa própria imprevidência, orgulho e egoísmo. Sei que no mundo espiritual nos preparamos e fortalecemos nossa confiança, mas é no mundo físico que colocamos em prática o que aqui aprendemos, pois é nele que as provas nos são apresentadas. Felizmente, Chandan, quando renascemos podemos usufruir do sono físico, durante o qual revisitamos, sempre que permitido e necessário, esta colônia espiritual, que nos é tão cara dentre as muitas existentes no Universo. Nessas breves visitas, recordamos nossas lições.

– Sim, Nalini, lembro-me sempre das palavras de mestre Kabhir: “É na carne, por meio das provas que impactam nosso espírito, que temos a possibilidade de mostrar nossas conquistas. O renascimento é uma oportunidade inigualável. O convívio com aqueles que nos afrontam pode abalar nossa aparente serenidade, revelando nosso verdadeiro estado interior. É assim que mostraremos o que está oculto por trás do verniz do aprendizado”.

E prosseguiu:

– Penso, Nalini, que nos é mais fácil perdoar quando estamos entre os que já amamos. Até as piores entre as pessoas assim o fazem. Por isso, o contato com nossos desafetos é muitas vezes o que nos impulsiona ao crescimento.

Ouvindo-os, e recém-chegados, ali estavam Agha e Kabhir.

Agha foi o primeiro a saudá-los:

– Cumprimento-os, amigos, e meus antigos pais de outrora! Que felicidade vê-los tão bem-dispostos e serenos. Tenho dito a Kabhir que o encontro de ambos é sempre um bálsamo para seus espíritos.

Sempre sincero e atento, sentou-se próximo deles e ponderou:

– Quando se encontram aqui, nesta relativa serenidade do mundo espiritual, vocês se completam em um amor verdadeiro e sem possessividades. No entanto, quando as provas da encarnação ressurgem, com elas reemergem repetidamente a revolta e o inconformismo, filhas do orgulho

e do egoísmo. Sempre que isso ocorre, novas quedas podem suceder, e não apenas a vocês, mas a todos nós, sem exceção.

Nalini reconheceu-se nessa descrição, pois tinha consciência de ser a principal responsável pelas consecutivas quedas vividas por si mesma e por Chandan. Baixou o olhar, e depois o rosto, deixando transparecer certa desesperança. Kabhir, sempre observador, interveio então:

– Não se envergonhe, Nalini, pelos erros que todos nós, em alguma medida, já cometemos. Agha, ao lhe falar, não tenta desanimá-la, mas dar-lhe forças. Saiba que você caminhou bastante nas últimas existências, assim como Chandan, que percebo estar mais forte e decidido em lutar pelo progresso de ambos. Não desanime, nem permita que a culpa lhe fira os melhores sentimentos. Precisaremos de sua força e coragem.

E prosseguiu:

– Você, Nalini, sempre será uma guia para os espíritos que a seu lado renascerem. Ainda que tropece, inspirará muitos daqueles que encontrar em seu caminho. Por isso peço-lhe coragem! Por hora, cabe-nos aceitar e aproveitar as oportunidades que nos serão trazidas para nossa evolução.

Então indagou-lhe:

– O que teme, Nalini? Abra seu coração.

– Conhece-me muito bem, Mestre Kabhir. Não tenho dúvida de que caminhamos. A lei de evolução, já compreendi, é sagrada e, portanto, incontornável. Apesar das muitas oportunidades de crescimento que nos foram dadas, pressinto que o período em que renasceremos acirrará mais uma vez em mim o inconformismo e a impetuosidade. E desta vez sequer poderei contar com as ideias e os cenários dos períodos em que antes vivi, que, quer os apreciasse ou não, serviram para refrear meus impulsos mais prejudiciais. Como mulher, minha voz teve que se calar inúmeras vezes. Em outras ocasiões, houve também o temor constante do inferno, ideia que me foi incutida desde cedo.

Recuperando o olhar até então perdido em meio a esse relato, perguntou a Kabhir:

– O que será de mim caso me deixe cair novamente nas garras desse egoísmo exacerbado e do desejo de manipular os outros, que tanto marcaram minhas encarnações? Temo que a época em que renascerei será propícia demais à mentira e ao fanatismo religioso. Receio afundar ainda

mais em débitos irrecuperáveis.

Agha percebeu que era o momento de interceder pela mãe de outrora.

– Veja, Nalini: de nada adianta preocupar-se agora com o futuro. Todos nós vivenciamos falhas e lutas constantes, quedas e reerguimentos, mas garanto-lhe, por experiência, que todos evoluímos, mais cedo ou mais tarde, com dores ou não, conforme nossas escolhas. Se preferimos a porta larga, que nenhuma mudança de hábitos nos pede, ela facilmente nos conduz ao conforto ilusório. Já a porta estreita, que exige de nós mudanças e adaptações e nos convida a refrear nosso personalismo, permite-nos melhor aproveitamento de uma encarnação.

Notando que ela acompanhava sua explanação com interesse, acrescentou:

– Cada um de nós traz uma característica-mestra a ser enfrentada em determinada existência. O cenário propício a essa luta é a vida encarnada, sabiamente configurada pela espiritualidade maior. Outras deficiências características também se manifestam, mas, se observar bem, verá que todas, em maior ou menor grau, são filhas do egoísmo e do orgulho.

E exemplificou:

– Essa característica-mestra é nosso “calcanhar de Aquiles”^[3]. Em meu próprio caso, o apego pela adulação e o gosto pelo poder sempre me infligiram pesadas dores e muito precisei lutar para não cair nas garras da vaidade e me tornar um déspota, impondo-me aos demais. Junto desse despotismo, estão aninhadas outras características que podem fazer com que eu me perca no caminho evolutivo.

Suas palavras faziam sentido para ela. Isso o fez prosseguir:

– No caso de Kabhir, como ele mesmo reconhece, o apego aos próprios conhecimentos é sua porta larga, de entrada para a queda. Em você, Nalini, é a impulsividade, o inconformismo e a falta de tolerância pelas fraquezas alheias. Seu coração, em vez de se dulcificar, se enrijeceu, em decorrência de repetidas lutas por falsos ideais, o que a levou a revoltar-se contra o Criador e sua Lei e a tornar-se intolerante e vingativa.

[3] Aquiles foi um herói da mitologia grega conhecido por sua invulnerabilidade, exceto em seu calcanhar, que era seu ponto desprotegido, no qual acabou sendo alvejado por uma flecha mortal.

Mas acrescentou, cauteloso:

– Ainda não me é dado adentrar todas as particularidades de seu passado, mas posso afirmar com certeza algo sobre seus desafios futuros: nas duas próximas encarnações, você passará por situações que a despertarão definitivamente para o bem. Isso, porém, envolverá grandes dores e sofrimentos caso você opte, mais uma vez, por dar voz a seus desejos pessoais e a melindres antigos.

Agha calou-se por alguns segundos e, refletindo sobre as próprias escolhas equivocadas de seu passado, continuou:

– Todos nós usufruímos de possibilidades de exercer nosso poder de escolha pelo bem. O perdão, o amor ao próximo e a aceitação consciente da Lei Divina são poderosas orientações para a felicidade, permitindo que, mesmo durante as tormentas, enxerguemos no horizonte de nossa trajetória águas mais plácidas e harmoniosas. Quando insistimos no equívoco, estamos na verdade tentando adequar a Lei Divina a nossa vontade, criando atalhos que favoreceriam unicamente a nós. No entanto, quando criamos essa ilusão, somos antecipadamente alertados por nossa consciência. Somos também, mesmo sem nos darmos conta, alertados por nossos protetores espirituais. Ainda assim, costumamos insistir nos mesmos erros, que há milênios retardam nosso despertar.

Em diferentes períodos vividos em Ashwattha, Nalini já ouvira semelhantes explicações. Reencarnar, porém, traz inevitavelmente algum esquecimento temporário da clareza readquirida e retrabalhada no mundo espiritual. Ela agora aproveitava a caridosa visita de Agha para reinstalar tais aprendizados em sua mente. Percebendo isso, ele lhe explicou:

– Em nossas encarnações, o Divino Pai nos coloca em contato com amigos também encarnados que nos orientam a retomar o rumo da felicidade verdadeira, antes de cometermos desatinos que nos retardariam.

E acrescentou:

– Mesmo nosso corpo físico é uma dádiva, pois absorve e reflete nossos pensamentos e sentimentos, fazendo-nos perceber, se estivermos atentos, quais deles nos são prejudiciais. Quando somos endurecidos demais até para ouvir os apelos de nosso próprio corpo e de nossa consciência, somos chamados à realidade por meio de doenças ou crises profundas na vida. Elas devem ser vistas não

como penalidades, mas como oportunidades de finalmente ajustarmos nossos rumos enquanto é tempo. Não existem favoritismos, Nalini, e muito menos desamparo para os que renascem.

Kabhir, então, sabendo da grande influência que as palavras de Jesus tinham sobre Nalini, expôs:

– Gostaria de retomar o que Agha lhe disse sobre a porta estreita, citando novamente as palavras do apóstolo Mateus.

Pensativo e com os braços cruzados nas costas, disse:

– Lembra-se do que nos narra Mateus sobre as palavras de Jesus a respeito da porta estreita? A porta dourada e larga é convidativa, não nos exigindo o menor esforço. Ela irá nos tentar sempre, pois oferece um caminho sem entraves, em que nosso orgulho e vaidade sempre estarão satisfeitos. Por ela se costuma entrar coletivamente, atentando mais para os valores e hábitos do mundo do que para a verdade de nossa consciência. Em contraste, temos a porta estreita. Talvez estreita demais, sem atrativos para a pessoa interessada apenas nas coisas do mundo. Por ela só podemos passar individualmente, assumindo completa responsabilidade por nossas escolhas, sem atribuí-las falsamente a mais ninguém. Ao passarmos por essa porta, recebemos imediatamente os frutos de nossos esforços. As dores parecem já não afligir tão intensamente nosso coração e o peso das provas parece sutilizar-se, porque passamos a compreender que é apenas temporário.

Mais uma vez, tudo fazia sentido para ela.

– Entenda, Nalini: ambas as portas reservam alguns sofrimentos, pois é assim que, infelizmente, ainda entendemos o caminho para a própria evolução. A Terra ainda é um mundo de provas e expiações.

– Para os que têm boa vontade e se dispõem a cultivar as virtudes enquanto encarnados, nunca faltará amparo em suas vacilações, enquanto aqueles que optam pela porta larga sentem-se continuamente insatisfeitos, buscando uma felicidade que, por não se conservar na matéria, os escraviza a desejos que nunca se saciam.

– Entendo, Mestre Kabhir – disse ela. – Jesus, mais uma vez, nos elucidou claramente.

– E Chandan? – perguntou Nalini, curiosa. – O que ele traz que poderia lhe ser prejudicial?

Chandan, que ouvia, baixou a cabeça um pouco enver-

gonhado.

– Ora, Nalini – disse Agha, respondendo por Kabhir a pergunta. – Não sabe que o apego a você é o grande desafio de Chandan?

Kabhir então explicou:

– Somos todos caminhantes desta senda que se estende pelo Universo e não podemos nos acomodar. Não existe evolução sem vontade constante. Muitos de nossa família espiritual, desde séculos atrás, abandonaram-se voluntariamente e desistiram de trabalhar para o próprio reerguimento. Preferiram amortecer a própria consciência distraíndo-se com sensações cômodas que os poupem da dura realidade de olharem para si mesmos. Ocupam a vida apenas com pequenos afazeres, que pouco esforço demandam e não trazem fruto duradouro nem mérito. Fazem poucos estudos, têm limitada curiosidade e emanam pouquíssimo ou nenhum amor universal, e por vezes nem pelos que lhes são próximos e nem por si mesmos. Não admira que se sintam exaustos e culpados, como réus eternos. Mas no fundo da consciência são também juizes rígidos de si e veem na punição a única maneira de despertarem da própria inércia.

E acrescentou:

– A vaidade, a cobiça, o apego à matéria, a sensação de poder, a luxúria e uma infinidade de vícios e comodismos os fazem sentir-se ilusoriamente vivos, com pleno controle de si mesmos. Mas são almas infelizes e sempre aflitas que vivem nas colônias inferiores do mundo espiritual e, quando encarnadas na Terra, repetem as mesmas experiências de revolta contra a Lei Divina.

Percebendo que a lição fora devidamente compreendida, Kabhir lhes anunciou:

– Preparem-se, amigos preciosos. Partiremos em breve para uma das cidades escuras existentes na esfera espiritual. Essa descida vibratória será necessária para obtermos ensinamentos e aprendizados que serão importantes para a próxima encarnação, que já vem sendo preparada.